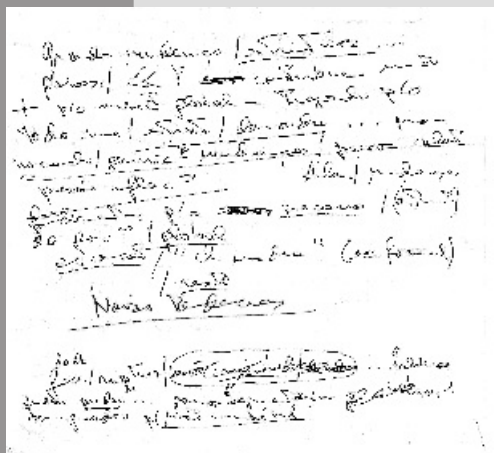


Por Luiz Cláudio Dias Reis

## Homenagem a Antonio Barros de Castro

# Ao mestre, com saudade

*Anotações feitas por Castro para a sua apresentação no Fórum Nacional, em maio de 2011. A mesa de que ele participou tinha como tema: A Competição do Século – China, Índia e Brasil? Lideranças.*



Com a morte de Antonio Barros de Castro, o Brasil perde um de seus mais ilustres economistas, cujo viés desenvolvimentista foi apurado, ao longo dos anos, em aprofundados estudos e pesquisas e em projetos profissionais que ficaram marcados pela elevada criatividade. Como professor, Castro foi brilhante, e sua passagem pelo Instituto de Economia (IE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) remonta a 1956, quando lá ingressou como aluno (na então Faculdade Nacional de Economia). Em 1977, conquistou o título de doutor em Economia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); e na década de 1980 tornou-se professor do IE, onde se graduara em 1959. No entanto, sua vida acadêmica não se restringiu à UFRJ. Em diferentes períodos desde a década de 1970, Castro foi professor visitante na Universidade do Chile (1972-1973), em Berkeley (1999 e 2003), nos Estados Unidos, e nas prestigiadas britânicas Cambridge (1973-1974) e Oxford (2004). Ele era também membro do Institute for Advanced Study, da universidade americana de Princeton.

Grande defensor da proteção a determinados setores da economia, de modo a mantê-los enquanto mudanças necessárias fossem executadas para adaptações às condições internacionais, Castro focou suas áreas de interesse em teorias sobre desenvolvimento e crescimento econômico, políticas industriais e tecnológicas e história econômica do Brasil. Suas análises cobriam desde avaliações do II PND do período militar na economia brasileira nos anos 1980, até impactos das descobertas do pré-sal no futuro do Brasil. No entanto, sua linha de pesquisa mais recente eram os ajustamentos necessários da economia brasileira ao desafio chinês, considerando suas oportunidades e as dificuldades – principalmente para a sobrevivência da indústria – que se apresentavam à economia brasileira.

Presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) de outubro de 1992 a março de 1993, durante o governo de Itamar Franco, Castro, que ocupou outros cargos públicos, voltou ao banco como diretor de Planejamento e assessor da presidência entre 2004 e 2010, nas gestões de Carlos Lessa, Demian Fiocca, Guido Mantega (atual ministro da



Acervo Pessoal

Fazenda) e Luciano Coutinho. Entre 1963 e 1973, ele trabalhou na Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), no Chile, onde funcionava a sede da instituição, ligada à Organização das Nações Unidas (ONU). Naquela oportunidade, formou, com Maria da Conceição Tavares e Carlos Lessa, o trio do pensamento cepalino no Brasil. Foi quando publicou, em parceria com Lessa, o seu primeiro livro: *Introdução à Economia: Uma Abordagem Estruturalista* (1967). Considerado uma referência na academia, o livro chegou a ser reeditado mais de 40 vezes. O brilhantismo de Castro foi eternizado em outras obras, tais como: *7 Ensaios Sobre a Economia Brasileira* e *A Economia Brasileira em Marcha Forçada*, esta última escrita em parceria com Francisco Eduardo Pires de Souza.

Aos 73 anos, o economista mantinha uma vida intelectual intensa, e sempre pensou o mundo, a economia e a sociedade a serviço do sonho de uma civilização brasileira sem xenofobia e sem prepotências, como uma outorga de nossas qualidades potenciais. Atualmente, debruçado sobre a China, ele considerava que o desenvolvimento do país asiático alterou radicalmente a economia mundial e que o Brasil tinha que se reinventar para se manter competitivo. Seus estudos mais recentes apontam um Brasil estruturalmente diferente da China, da Índia e da Rússia – em função de termos água, enorme potencial energético, sol, chuva e terra para produzir alimentos –, e que deve perseguir, sem cessar, a rota de um estruturado plano de desenvolvimento sustentável. E para tornar esse grande projeto brasileiro exequível, é necessário, sem dúvida, realizar “grandes mudanças estruturais”, mensagem essa grafada na primeira linha de um recente manuscrito de Castro, publicado na página anterior.

Para homenagear o acadêmico e o respeitável homem público *Rumos* encomendou artigos (depoimentos) a um seleto grupo de pessoas que tiveram o privilégio de compartilhar, em vários e diferentes momentos, suas ideias e emoções com aquele que se tornou uma referência no pensamento econômico brasileiro.

## A Confraria dos Besouros – contribuições de Antonio Barros de Castro para a economia brasileira



Emilson Corrêa/Correcon-MG

Ana Célia Castro  
Professora Titular da UFRJ, esposa do Professor Antonio Barros de Castro



Noel Joaquim Faíad

Lavinia Barros de Castro  
Economista do BNDES e professora do Ibmeq. Filha do professor Antonio Barros de Castro

O professor Antonio Barros de Castro deu em vida diversas entrevistas. Após concedê-las, não sossegava enquanto não tinha acesso ao texto para verificar se era fiel ao que havia dito e se a forma estava “redonda”. Mas, tratando-se da professora Leda Paulani, não foi necessário. A entrevista intitulada *A Solidão do Corredor de Longa Distância, Antonio Barros de Castro*, publicada em *Economia Aplicada*, USP, em dezembro de 2000, seria uma verdadeira contribuição às reflexões do autor.

Nela, Castro diz: “O Paul Baran tinha dito que o Japão era o análogo do besouro: pelas leis da aerodinâmica, não pode voar, mas voa. Essa frase nunca saiu da minha cabeça. Eu acredito que isso é (ou deveria ser) uma espécie de ideal científico, ou seja, descobrir besouros, perceber aquilo que não pode acontecer, mas acontece, para tentar com isso entender o que realmente se passa”.

De fato, grande parte da obra de Castro pode ser compreendida como uma busca constante por novos besouros. Isto é, por achados inusitados, que, para a surpresa de todos, de repente alçam voo. Este artigo procura apontar alguns dos besouros que rodaram a cabeça do pensador Antonio Barros de Castro, reunindo-os aqui numa peculiar confraria.

O primeiro dos besouros de Castro foi o sétimo ensaio, do livro *7 Ensaios sobre a Economia Brasileira*, que não foi publicado (tendo o livro, na realidade, apenas seis ensaios). Castro esperava os últimos dados do Censo do IBGE, prometidos por Isaac Kerstenetzky, por isso acabou não publicando, mas deu uma aula/conferência, onde Luiz Carlos Bresser-Pereira regis-

trou o besouro: a concentração de renda deveria ser um entrave ao crescimento da economia brasileira, entretanto, não era. O Brasil viveria um período de elevado crescimento nos anos 1970, porque a renda concentrada nos 10% do topo da pirâmide constituía um importante mercado para a indústria, montada à imagem e semelhança dos seus congêneres internacionais. Mais tarde, Maria da Conceição Tavares, em coautoria com José Serra, em *Além da Estagnação*, retomaria e desenvolveria esse tema<sup>1</sup>.

O segundo besouro pode ser encontrado ainda nos *7 Ensaios*, e se refere à agricultura brasileira<sup>2</sup>. Antes de ser um entrave ao desenvolvimento, tese corrente à sua época, a agricultura cumpria suas funções. A chamada inelasticidade da oferta agrícola seria contestada por Castro. Ele estava certo e anteviu a agricultura na fronteira do conhecimento, na vanguarda das técnicas nos trópicos.

O terceiro besouro está no que viria a ser sua tese de doutorado: *Escravidão e Senhores nos Engenhos do Brasil*.<sup>3</sup> O sistema colonial deveria, de acordo com a visão marxista predominante, ser incompatível com o progresso técnico. Mas, para Castro, profundo estudioso e admirador de Marx, o escravismo brasileiro, desculpe a teoria, não o era. Havia inovações técnicas importantes – e essas tinham forte impacto nas relações sociais da colônia. O artigo intitulado *Brasil, 1610: Mudanças Técnicas e Conflitos Sociais*, publicado pela primeira vez na revista *Planejamento e Política Econômica*, em dezembro de 1980, e agora no livro do Ipea, em homenagem ao Castro<sup>4</sup>,

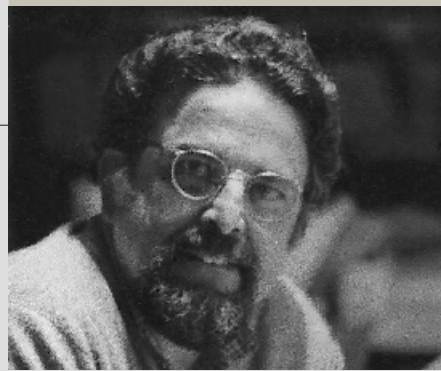
desenvolve com muita competência esta tese.

Um quarto besouro pode ser apontado no livro *A Economia Brasileira em Marcha Forçada*, escrito em coautoria com Francisco Eduardo Pires de Souza<sup>5</sup>. A leitura ortodoxa sobre o período do II PND é de que o Brasil, diante do primeiro choque do petróleo, deveria ter feito um “ajustamento” (ter parado de crescer), mas fez “financiamento” (julgou que a crise era passageira e usou os recursos externos para se financiar). Segundo essa tese, o Brasil teria continuado a crescer de forma artificial, seguindo uma estratégia míope, curto-prazista, sem antever o segundo choque do petróleo. Isto teria graves e profundas consequências para o país, verificadas nos anos 1980. A interpretação de Castro era bem diferente. Apesar da necessidade de legitimação no curto prazo do regime militar, o Brasil teria tido, ao contrário, uma visão de longo prazo, extremamente ousada. O II PND teria investido em setores de longa maturação e não teria feito nem ajustamento nem financiamento. O governo teria, sim, utilizado os recursos externos, mas para fazer uma transformação estrutural na matriz industrial e energética do Brasil. Deveria parar de crescer, mas voou, cresceu em marcha forçada, insistindo (a seu ver, de forma acertada) no seu voo pesado, mas que tinha rumo.

Mais adiante, frente à abertura e às privatizações da economia brasileira nos anos 1990, Castro de novo apontaria que estava ocorrendo algo que ninguém antevira, ou, nos termos desse artigo, na existência de um novo “besouro”, o quinto. Para ele, a abertura e às privatizações não levariam a um processo de “seleção” das empresas voltadas para o mercado e a morte de empresas “artificialmente criadas pelo Estado”. Ao contrário, muitas das grandes empresas que “sobreviveriam” ao teste de mercado tinham sido justamente obras do Estado. Mas o importante não era isso, e sim que as empresas estavam passando por um importante processo de reestruturação. Os escritos de Castro nos anos 1990 apontam justamente para as transformações no tecido industrial brasileiro e encontram-se reunidos no livro organizado pelo ministro João Paulo dos Reis Velloso, a ser publicado em breve<sup>6</sup>. Apesar da estagnação dos anos 1980 e 1990, estava ocorrendo um segundo processo de *catching up* (o primeiro teria sido no II PND). Onde se via a estagnação, Castro viu que as empresas se repositionavam do ponto de vista estratégico.

O besouro que leva o número seis poderia ser atribuído a uma tese contida em artigo pouco conhecido, publicado em 1993, sob o título *Renegade Development. Rise and Demise of a State-Led Development in Brazil*.<sup>7</sup> Neste, Castro vai negar que a crise brasileira das últimas duas décadas fosse uma consequência “natural” de uma economia que havia optado pelos desvios da doutrina de mercado. O crescimento brasileiro fora por demasiado longo para poder ser considerado um modelo fracassado.

A longevidade do crescimento brasileiro (1950-80) teria duas características básicas: o país não fez, em nenhum momento, o retorno a atividades que fossem as consideradas sua “vocação natural” (ou vantagens comparativas); e em nenhum momento houve paralisação do crescimento justificável pelo curso de “equilíbrio macroeconômico”. Isso teria ocorrido, porém, somente até os anos 1980, enquanto vigo-



Antonio Barros de Castro

ravam duas convenções, para Castro fundamentais para explicar o sucesso do modelo brasileiro: a “convenção do crescimento” e a “convenção da estabilidade”. Esta, que afirmava ser possível conciliar crescimento com inflação, através do complexo sistema de indexação criado a partir de 1964, teria se revelado um equívoco, embora o erro só tenha se tornado evidente a partir do segundo choque do petróleo.

A tese do desenvolvimento renegado, em síntese, explicava porque, e desta vez também “*contrario sensu*”, ao rejeitar a “convenção do crescimento”, o Brasil tinha dificuldade de sair da medíocre trajetória a que se viu reduzido nos anos 1980 e início dos anos 1990. O país tinha tudo para crescer, mas não crescia: faltavam crenças compartilhadas e instituições que reduzissem incertezas e tornassem o crescimento viável.

Finalmente, o sétimo besouro encontra-se no trabalho que fez quando foi assessor do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), entre 2003 e 2004, publicado pela primeira vez no livro já citado do Ipea. Quando todos estavam mergulhados nos pessimismos (fiscais ou de balanço de pagamentos), Castro os chamou de “infundados”, o Brasil viria a crescer de novo. O “voo da galinha”, que se apresentava como surtos de baixo crescimento, muitas vezes atrelados a um ciclo político, estava dando lugar a um “voo do besouro”, ainda sem rumo, mas que poderia ir “mais além”, caso fossem bem aproveitadas as oportunidades que estavam sendo criadas a partir das, por ele denominadas, “novas tendências pesadas do capitalismo atual”<sup>8</sup>. Através da China, estavam se abrindo novas oportunidades.

Castro talvez estivesse pensando sobre um novo besouro enquanto preparava a aula para a segunda-feira, dia 22 de agosto: como o Brasil e a China poderiam superar a armadilha tecnológica dos países de renda média? Este talvez fosse o seu, e o nosso, convite para se continuar pensando sobre o desenvolvimento brasileiro.

1 Tavares, M.C.; Serra, I. *Além da Estagnação. Em: Da substituição de importações ao capitalismo financeiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

2 Castro, A. B.: *7 Ensaios sobre a Economia Brasileira*. Rio de Janeiro: Forense, 1971.

3 Castro, A.B. *Escravos e Senhores nos Engenhos do Brasil. Um Estudo sobre os Trabalhos do Açúcar e a Política Econômica dos Senhores. Tese de Doutorado* Campinas: Unicamp, 1976.

4 Castro, A.C. e Castro, L.B Organizadoras. *Antonio Barros de Castro: O Inconformista. Homenagem do Ipea ao Mestre*. Ipea, 2011. O livro estará em breve disponível no site da instituição. Este artigo é uma versão ampliada da fala da professora Ana Célia Castro, por ocasião de seu lançamento, em 23/11/2011.

5 Castro, A.B. e Souza, E.E.P. *A Economia Brasileira em Marcha Forçada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

6 Castro, A.B. *O Desenvolvimento Brasileiro da Era Geisel ao Nosso Tempo*. Organização João Paulo dos Reis Velloso. Rio de Janeiro: Fórum Nacional, 2011.

7 Castro, A.B. *Renegade Development: Rise and Demise of State Led Development in Brazil* SMITH, W. e ACÚNA, C. (Eds.) *Democracy, Markets and Structural Reforms in Latin America: Argentina, Bolivia, Brazil, Chile and Mexico*. Transition Publishers, 1994.

8 O artigo *Tendências Pesadas* também consta do livro do Ipea, recém-publicado.

## Castro, um argumentador incisivo



Ronaldo Guimarães

Ricardo Bielschowsky  
Economista. Professor  
da UFRJ.

O amigo e professor Antonio Barros de Castro tinha uma mente privilegiada, brilhante, que sempre agregou construções analíticas engenhosas ao debate brasileiro. Castro foi um argumentador incisivo, por escrito e no debate oral. E isso aparece de formas distintas, por exemplo, nas discussões com os pares intelectuais, ou na transmissão do conhecimento aos alunos, na forma respeitosa e fecunda que usou para fazer o aluno pensar, ou ainda nos artifícios que empregou para atrair alunos e colegas àquilo que considerava a raiz do problema discutido, e de habilmente atraí-los a seu campo teórico.

No seu compromisso com a aquisição e com a transmissão de conhecimento, Castro abriu grande espaço e liberdade à imaginação. Existe uma saborosa entrevista com ele publicada no livro *Conversas com os Economistas*, em que ele diz: “Por influência, seguramente de Popper, na minha visão de mundo o ‘faro’ e a ‘sensibilidade’ contam muito no avanço do conhecimento. A lógica e os dados servem para questionar. O que produz é a imaginação”. Ao mesmo tempo, Castro combinou ousadia e criatividade com rigor acadêmico, e foi meticuloso no uso de ideias e de dados. Perseverante e profissional, nem sempre foi fácil tirá-lo de sua biblioteca.

Seu compromisso talvez excessivo com o trabalho foi, pelo menos em parte, compensado por outro atributo: o trabalho intelectual lhe dava muito prazer. Castro foi um intelectual entusiasmado: tinha a sede de conhecimento, própria dos grandes acadêmicos e cientistas, e transmitia uma alegria contagiante com reflexões bem formuladas, a propósito das novas

## O triunfo do inconformista



Noel Joaquim Palad

Fernando Cardim  
Professor do Instituto de  
Economia da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro  
(IE-UFRJ)

*O Inconformista*. Este é o título do livro que o Ipea preparou em homenagem ao professor Antonio Barros de Castro, contendo artigos e entrevistas coletados e editados por sua viúva, Ana Célia, e sua filha, Lavínia, ambas distintas economistas também. O título do volume é um achado, porque este é mesmo o termo que mais sinteticamente resume a trajetória intelectual de Castro, a inconformidade permanente com o que quer que fosse consensual no momento em que um determinado tema era captado em seu radar.

Conheci Castro em 1976, como aluno da terceira turma do mestrado em economia da Unicamp. Nosso primeiro contato foi exatamente em seu curso especial de História do Brasil, que girava em torno de sua tese de doutorado, que concluía naquele período. Essa tese, escandalosa em seu tempo, mostrava que a escravidão no Brasil, ao contrário do proposto pela maioria das correntes marxistas de então, foi compatível, na produção de açúcar no século XVIII, com a adoção de métodos de produção na fronteira tecnológica. Nas palavras que se usava na época, as forças produtivas mais avançadas aparentemente podiam conviver com o modo de produção mais retrógrado em uma iniciativa altamente lucrativa, como a produção de açúcar. Sua tese causou não apenas furor, como também fúria em muitos, e sua defesa pública foi um evento público inesquecível para os que tiveram, como eu, o privilégio de assisti-la.

A forte independência intelectual de Castro, e a sua contagiante dedicação aos temas que lhe chamavam a atenção, foi então, e continuou a ser pelos anos seguintes, um fortíssimo

descobertas. Valorizava isso de uma forma absolutamente humanista, pois encarava o saber e a ciência como fonte essencial do progresso humano.

Vasta cultura, erudição em história, principalmente a econômica (mas também nos campos político, social e cultural), e especialmente erudição em história do Brasil. Poucos conhecem o Brasil como Castro conheceu. E erudição em teoria econômica. Não se fazem mais professores assim.

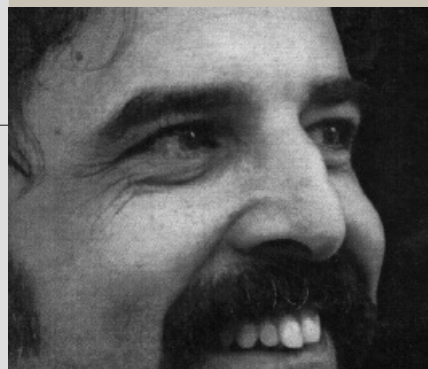
De todos os atributos de Castro, o que mais me encantou foi o seu método analítico, que reside na combinação entre história e teoria, entre o momento do conhecimento empírico e o momento da formulação analítica: a história alimenta a teorização e a teoria facilita a interpretação da história. É a chamada “história pensada”, analisada, interpretada, num diálogo permanente entre a observação das tendências históricas e a teorização sobre as mesmas.

Para o método contribuíram dois momentos básicos em sua formação. Primeiro, depois de se formar em 1959, na UFRJ – mencionou como seus principais e “notáveis” mestres, nesta universidade: Otávio Gouveia de Bulhões, Roberto Campos, San Tiago Dantas e Antônio Dias Leite –, foi estudar filosofia em Londres. Passou um ano por lá discutindo história da ciência, método científico, epistemologia. Preparou-se para o exercício da profissão. De carona, estudou métodos quantitativos em Paris, algo que sempre ajuda.

Segundo, quando voltou ao Brasil, foi trabalhar com Anibal Pinto no escritório da Cepal, junto com Maria da Concei-

fator de atração sobre todos os que puderam frequentar seus cursos, ouvir suas palestras, ler seus textos ou, prazer maior, simplesmente compartilhar suas conversas. Mesmo quando, depois de muitos anos, nossos caminhos intelectuais se separaram um pouco (o entusiasmo de Castro por Keynes e sua escola era sensivelmente menor que o meu), o processo pelo qual ele construía seus argumentos e formava suas ideias foi sempre fascinante. Cuidado extremo, quase obsessivo em sua busca não apenas por clareza, mas também por precisão, é uma marca visível de seus trabalhos publicados. Em 1977, quando passava uma temporada no Institute for Advanced Studies, em Princeton, Castro deixou-me encarregado de acompanhar a impressão de seu livro, *O Capitalismo Ainda É Aquele*. Mais de uma noite fui acordado de madrugada por uma chamada internacional em que Castro, preocupado, me pedia para providenciar a substituição de uma palavra usada *nos agradecimentos do livro!* Expressão que lhe era particularmente grata. Castro estava sempre tentando *arredondar* seus textos publicados, mesmo que fossem os agradecimentos de um livro.

Dentre todas as suas publicações, foi, sem dúvida, *A Economia em Marcha Forçada*, escrita em parceria com Francisco Eduardo Pires de Souza, a que maior impacto teve e que melhor refletiu o eixo de seus interesses. Um livro heterodoxo mesmo entre os heterodoxos, *Marcha Forçada* examinava seu tema de toda a vida: o desenvolvimento econômico e os caminhos às vezes imprevistos pelo qual ele pode ser alcançado. Quando a maioria dos economistas se unia para condenar o



Antonio Barros de Castro

ção Tavares e Carlos Lessa. Pode-se imaginar o entusiasmo e a criatividade intelectual naquele encontro no início dos anos 1960 entre essas quatro inteligências privilegiadas. Castro abraçou, então, o que talvez seja o grande ativo do estruturalismo: o método histórico-estrutural, que permite a interação entre o enfoque dedutivo e o histórico-interpretativo, faz uma espécie de heurística positiva: parte de uma teorização sobre o subdesenvolvimento periférico latino-americano, mas está o tempo todo atento às trajetórias dos agentes e das instituições, a suas especificidades, e à vida política e social dos países, o que permite retornar à formulação teórica e alterá-la em forma permanente. É um método voltado ao movimento, à transformação.

Do ponto de vista teórico, foi um heterodoxo eclético, mas usuário da teoria econômica para fins da análise dos processos de transformação econômica e social no capitalismo brasileiro. Sua obra é, no essencial, profundamente engajada na vida brasileira. Castro formou várias gerações de economistas, e quem teve o privilégio de ser seu aluno aprendeu com o curso mas, sobretudo, com o método, e com o estímulo que ele transmitiu para a aquisição do conhecimento.

esforço de combate às crises que nos atingiram nos anos 1970, resultantes dos choques do petróleo e outras matérias-primas, Castro levantou-se para apontar a natureza inovadora da aposta feita no II PND, do qual ainda hoje temos importante herança, como os polos petroquímicos do Nordeste.

Mais recentemente, era a China o centro das reflexões de Castro. Era o impressionante desenvolvimento chinês dos últimos anos que lhe chamava a atenção. Como em praticamente todos os debates anteriores em que se envolveu, Castro chocou seus interlocutores ao propor que os caminhos do futuro se desenhavam no gigante asiático e que não apenas entender, mas também integrar-se a essa trajetória era vital para o desenvolvimento brasileiro. Esta tese enfrentou o ceticismo, até de seus amigos mais próximos, mesmo aqueles acostumados não apenas a vê-lo propor ideias chocantes, pelo menos à primeira vista, como, em grande parte das vezes, acabar por estabelecê-las de modo tão claro que se tornava difícil saber como se podia ter pensado diferente. Infelizmente, não será possível testemunhar o fascínio com que via suas ideias triunfarem e se tornarem quase a sabedoria convencional.

Ele foi meu professor no mestrado de Campinas, meu orientador de mestrado, um amigo de toda a vida, um interlocutor permanente, em especial quando não víamos um tema com os mesmos olhos. Tive o prazer de introduzir sua Aula Magna no Encontro da Anpec de 1991, e tê-lo como introdutor da minha, em 2008. Era um pequeno símbolo, particular, de uma conexão em que, agora, um dos lados não está mais entre nós.

## Um estudioso das estratégias



Divulgação

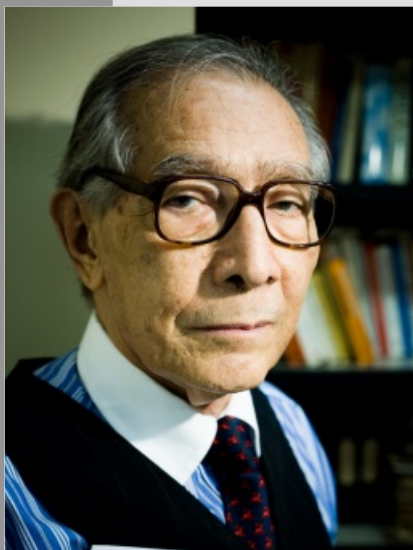
Rogério Studart  
Diretor executivo do Banco Mundial

Poucos intelectuais brasileiros contribuíram de forma tão diversa aos debates econômicos e políticos como o fez Antonio Barros de Castro. Pouquíssimos conseguiram unir tal contribuição a um ativismo na elaboração e implementação de políticas econômicas. Creio, portanto, que seria uma ousadia tentar descrever aqui, mesmo que sumariamente, o legado deste grande intelectual brasileiro. Prefiro, portanto, imprimir a esta pequena homenagem um caráter mais pessoal – de alguém que se sente profundamente orgulhoso de haver sido seu aluno, leitor, colega e amigo.

Castro era um professor reconhecidamente sensacional, que atraía levas de alunos às suas aulas e seminários. Isto se devia, a meu ver, ao seu amplo conhecimento de temas (macro e micro) econômicos – que compartilhava generosamente com seus alunos; pela sua conhecida obsessão em preparar detalhadamente suas aulas, que, invariavelmente eram brilhantes; e, especialmente, porque o professor Castro não só nos ensinava economia: ele nos provocava a pensar, a organizar nossas ideias, e a expressá-las de forma lógica.

Este chamado ao pensar do professor era, na realidade, a expressão do intelectual, generoso e aberto. Como se sabe, Castro abominava as “igrejinhas”, nunca deixando, que eu saiba, de escutar atentamente e debater com interlocutores, independentemente das visões do mundo que, por vezes, representavam – conquanto que o fizessem com inteligência e absoluto conhecimento de causa. De fato, Castro parecia ter um enorme

## Um sopro de modernidade



Marcelo Corrêa

João Paulo dos Reis Velloso  
Superintendente-geral do Inae e presidente do Fórum Nacional

Com data de 8 de janeiro de 1986, nas “páginas amarelas” da revista *Veja*, foi publicada entrevista com Antonio Barros de Castro, sob o título *Um Sopro de Renovação: Graças à Política de Investimentos do Governo Geisel*, o Brasil saiu da Recessão<sup>1</sup> mais forte do que entrou (destaque nosso). Até então, eu só conhecia o Castro através da leitura dos *7 Ensaios sobre a Economia Brasileira (dois volumes)*, excelente em todos os sete ensaios.

Após ler a entrevista, telefonei para o “herói”. Desse telefonema resultaram duas coisas: uma grande amizade, alimentada por almoços frequentes e amizades circundantes com as “meninas” da família. E uma parceria que foi reforçada a partir da criação do Fórum Nacional, em 1988, e de que o Castro foi um dos fundadores e principais participantes.

Nesta terceira homenagem do Fórum ao grande economista e grande homem, gostaria de fazer referência a três momentos do conjunto de ensaios aqui reunidos.

O primeiro momento está representado pela sua visão do governo Geisel, consubstanciada na entrevista à *Veja* e no livro *Economia Brasileira em Marcha Forçada*<sup>2</sup>.

O ponto central é que, com a opção feita pelo governo Geisel, através de seu Programa de Investimentos, o país se tornara “mais industrializado que a Inglaterra”. E, com isso, passara a gerar “superávits comerciais extraordinários” – “exclusivamente por meio da expansão das exportações e da substituição de importações”. Extraordinário “ganho de autonomia” fora adquirido.

O segundo momento corresponde à reestruturação industrial brasileira nos anos 1990. Nele, o ponto central está em

prazer em escutar opiniões que contrariavam até mesmo suas próprias teses – e, como grandes intelectuais, em mudar de opinião quando os fatos e evidências lhe pareciam suficientes.

Com esta generosidade e abertura, e seu brilhantismo, inaugurou alguns dos debates acadêmicos mais interessantes que pude acompanhar até hoje no Brasil. E o fez até os últimos minutos da sua vida: por exemplo, é sabido que no momento de seu falecimento Castro terminava uma apresentação sobre a economia chinesa. Eu me recordo que fiquei impressionado ao escutar dele, em uma palestra em 1994, que o grande fenômeno da economia política mundial seria a continuidade do crescimento da economia chinesa – e que este seria um dos grandes desafios e traria potenciais oportunidades para a economia (brasileira e mundial). Em 2008, publica seu texto *No Espelho da China*, em que adverte para o deslocamento do eixo de gravidade econômica dos EUA para a China. Sua mensagem não é alarmista, nem muito menos determinista: como sempre, ele indica as várias estratégias de engajamento (e mesmo liderança) da economia brasileira neste novo quadro internacional.

De fato, o intelectual Castro desprezava o determinismo. Fica muito claro nos seus escritos, que ele entendia que, com raras exceções, a História se cria a partir das decisões cruciais, tomadas de forma coletiva ou individualmente. No caso do Brasil, de recursos naturais e humanos abundantes, para ele seriam – acredito eu – quase infinitas as possibilidades de nos lançarmos em caminhos de prosperidade com maior equida-



Antonio Barros de Castro

de e sustentabilidade. Por essa razão Castro era um profundo estudioso das estratégias de crescimento, das empresas e dos governos. Entender tais estratégias, e sua implementação, seria para ele a única forma de empreender cenários. Não havia mecanicismos nas trajetórias, nem tampouco erros que não pudessem ser corrigidos. O futuro sempre parecia pronto para ser criado. No momento em que o Brasil enfrenta colossais desafios, ler e reler Castro deveria ser uma obrigação para quem quer, e sobretudo para quem deve, pensar o futuro do nosso país.

Que a morte do professor Antonio Barros de Castro deixou o Brasil mais pobre intelectualmente ninguém duvida. Mas para um amigo, sua partida é difícil de ser mesmo mensurada. Tive o privilégio de poder, vez em quando, ligar para ele do exterior, ou ao chegar ao Rio, e escutá-lo dizer no outro lado da linha: “Oi, rapaz, o que você conta de novo?”. Não era uma frase de efeito: ele queria escutar, aprender, discutir e dividir ideias. E ele o fazia com a generosidade, o brilhantismo e um bom humor que encontrei em muitas poucas pessoas. Ele faz falta, muita falta.

duas etapas: de 1989 a 1994, a fase de “Cirurgia e Reorganização” – “redimensionamento de quadros, enxugamento do catálogo de vendas e o fechamento de instalações, como também, destacadamente, a adoção de novas práticas gerenciais tipicamente associadas à gerência de Qualidade Total (TQM) e ao *Just-in-Time* (JIT)”. Em suma, preparação da empresa para a maior competição, uma vez que tinha havido a abertura às importações e ao Investimento Direto Externo (IDE).

Na continuação, até o final da década, a fase de *Catching up* Produtivo, ou seja, a busca de padrões internacionais de competitividade (sem preocupação maior com o esforço próprio de inovação). Era a assimilação do novo paradigma industrial tecnológico (superação do paradigma fordista, de produção em massa de produtos homogêneos).

No terceiro momento, Castro fala da “Semiestagnação ao crescimento, num mercado sinocêntrico”. O ponto central parte da constatação, pelas empresas, de não ser suficiente o *Catching up* (emparelhamento). “Tornava-se, pois necessário, adquirir agilidade e flexibilidade em face dos concorrentes, passando um número crescente de empresas a esforçar-se por redefinir, ou, até mesmo, literalmente, criar novos produtos, mercados e modelos de negócios”. Em suma, passar a estratégias mais ofensivas.

O ponto central se completa, nesse momento, ao fazer-se sentir mais diretamente a emergência da China, “avassaladoramente competitiva e voraz”.

Nesse novo cenário (mundo, talvez), há atividades que recebem o efeito China positivo. “Mas há também atividades

e empresas cujos próximos passos requerem transformações. E não se trata, aqui, de racionalizar e atualizar a dimensão operacional das empresas – tarefa predominante por ocasião da abertura dos anos 1990. Entre as questões a serem agora enfrentadas, destaca-se a redefinição da própria estratégia individual das empresas”.

Castro vai adiante: ... “A evolução da indústria (e até mesmo um estilo ou modelo de crescimento) foi interceptada ou truncada. O reposicionamento diante deste fato maior”... “requer muitas vezes um nível de colaboração entre empresas, e destas com os poderes públicos, sem paralelo na luta pela sobrevivência que caracterizou o longo período de semiestagnação”.

O “Resumo da Ópera em português” parece ser que, para haver adequado desenvolvimento, é necessário existir o domínio do paradigma industrial-tecnológico da época. E um Estado (e empresas, claro) capaz de conceber visões estratégicas e definir mecanismos de ação com elas compatíveis.

Por causa disso, o Fórum Nacional fez homenagem a Antonio Barros de Castro, publicando o livro *O Desenvolvimento Brasileiro – Da Era Geisel ao Nosso Tempo*, que reúne ensaios escritos pelo autor desde 1986 até este ano.

E assim voltamos ao depoimento dado quando Castro se foi (não há mais o amigo, nem o economista, nem o brasileiro. Uma tragédia): “O Brasil ficou menor” (à la John Donne).

1 Recessão Mundial, resultante da Primeira Crise do Petróleo (outubro de 1973).  
2 Escrito em parceria com Francisco Eduardo Pires de Souza.

## Fonte de energia e inspiração



Luciano Coutinho  
Presidente do BNDES

Grande foi o privilégio de conviver em muitas ocasiões com o professor Antonio Barros de Castro. Na academia, desde meu curso de doutorado e, depois, como professor. Em várias oportunidades na vida pública, em especial no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Amplamente valioso é seu legado. Em primeiro lugar, um legado de dedicação e integridade como cidadão, intelectual e professor.

Em segundo lugar, um legado de estímulo à pesquisa, à crítica e à criatividade, potencializado por sua enorme curiosidade e por sua capacidade de perceber o novo. Ressalto, ainda, sua liberdade de questionar paradigmas, suas próprias ideias e a dos outros de modo genuinamente construtivo, na busca incessante do conhecimento. Tal esforço resultava em formulações originais e sempre muito criativas, capazes tanto de abarcar quanto inspirar novos e desafiadores exercícios.

Em terceiro lugar, registre-se seu inestimável legado de formador de gerações de acadêmicos, pesquisadores e outros profissionais, resultante de seu compromisso sagrado com o dever de professor: o de transmitir o conhecimento de modo generoso e instigante.

## Castro, um economista brasileiro original



Francisco Eduardo Pires de Souza  
Assessor da vice-presidência do BNDES

Antonio Barros de Castro nos deixou em agosto último. Foi uma enorme perda pessoal para todos aqueles que tiveram o privilégio de conviver com ele, além de um desfalecimento igualmente grande para o pensamento econômico e o debate de ideias em geral no Brasil.

Suas contribuições para a compreensão da evolução e dinâmica da economia deste país se devem à sua capacidade de formular hipóteses e interpretações originais para os fenômenos econômicos, tendo por pano de fundo um método histórico-estrutural. Sua incessante criatividade trazia sempre uma perspectiva inédita, uma explicação ainda não contemplada, e com isso enriquecia o debate sobre os diversos temas da economia brasileira que ocuparam sua atenção ao longo de sua trajetória de pensador do Brasil. Como era ao mesmo tempo muito rigoroso, vivia imerso em dúvidas e inquietações, que condenaram à gaveta muitos argumentos e ideias instigantes, que só agora começam a vir à luz, em edições póstumas.

Castro era uma espécie de heterodoxo dentro da heterodoxia, uma vez que na busca pelo entendimento das questões mais intrigantes com que se defrontava não poupava críticas tanto à sabedoria convencional, como muitas vezes também às teses caras ao pensamento heterodoxo. Ao longo deste processo, chegava muitas vezes a verdades inconvenientes, e terminava invariavelmente em grandes polémicas.

Foi assim com um de seus primeiros livros, os *7 Ensaios sobre a Economia Brasileira*, quando, entre outras questões, desafiou, de dentro da corrente estruturalista, a tese de que



Antonio Barros de Castro

No BNDES, como presidente e diretor – este último cargo em sua segunda passagem pelo banco, o professor Antonio Barros de Castro contribuiu, indubitavelmente, para o desenvolvimento brasileiro. Destaco, recentemente, sua relevante contribuição ao planejamento estratégico e à construção de cenários. Cenários estes que contribuíram para iluminar – de forma precoce e bastante clara – o entendimento das transformações que atualmente atravessam as economias brasileira e mundial, assim como o do destacado papel da China em tais mudanças.

Em tempos de crise internacional e perspectivas de baixo crescimento da demanda agregada em diversas partes do mundo, chamo a atenção para suas análises a respeito do potencial de crescimento da economia brasileira. Observando o baixo nível de alavancagem financeira das famílias brasileiras, Barros de Castro comparava o consumo no Brasil a uma “mola reprimida”, devido à elevada propensão a consumir das famílias. Os momentos de aumento do emprego e renda tendem, por sua vez, a fazer com que o consumo agregado, sob o impulso do crédito, cresça acima das taxas do Produto Interno Bruto (PIB), tornando-se um determinante estrutural da dinâmica do crescimento da economia. Decorre daí o imperativo de

acelerar a expansão dos investimentos para garantir a oferta futura, evitando-se desdobramentos inflacionários, estrangulamentos impeditivos e, ainda, *déficits* externos indesejáveis.

Ao contrário da dificuldade dos países desenvolvidos em encontrar fontes de crescimento, o Brasil tem como desafio principal impulsionar o crescimento dos investimentos de forma competitiva e eficiente. O professor Castro enxergava na inovação a variável-chave e fundamental para assegurar a sustentabilidade do crescimento. Por essa razão, dedicou muita atenção e perspicácia à compreensão dos fatores e processos microeconômicos que diferenciavam as empresas inovadoras vitoriosas.

Por fim, destaco que o precioso legado deixado pelo professor Antonio Barros de Castro deve ser fonte de energia e inspiração – única forma de preencher o vazio que sua ausência prematura nos deixou.

a agricultura brasileira fosse um obstáculo ao crescimento, além de fonte de pressões inflacionárias, dada a suposta baixa elasticidade da oferta em relação a preços. Ali já aparecia uma visão que estaria presente em todo o restante de sua obra: o capitalismo brasileiro tinha um dinamismo extraordinário, a despeito de todas as distorções e mazelas sociais.

Foi assim também que, na década de 1980, num momento em que a crise da dívida externa se abatia sobre toda a América Latina, escreveu um ensaio intitulado *A Viabilidade da Moratória Unilateral*, tentando demonstrar que a economia brasileira poderia sobreviver bem à interrupção dos financiamentos externos – uma tese que, se por um lado contrariava as posições mais conservadoras, por outro também se chocava com a ideia estruturalista de que existia uma restrição externa ao crescimento, inerente ao processo de industrialização por substituição de importações.

Do ensaio sobre a moratória unilateral, Castro evoluiu para a ideia de que a importante melhoria na balança comercial que havia permitido à economia transitar de um elevado déficit nas transações correntes para um superávit, era muito mais o produto das transformações estruturais em curso na economia brasileira do que do ajustamento recessivo resultante das políticas acordadas com o FMI. Era uma hipótese alternativa às explicações correntes e que foi desenvolvida posteriormente no livro *A Economia Brasileira em Marcha Forçada*, de que participei como coautor.

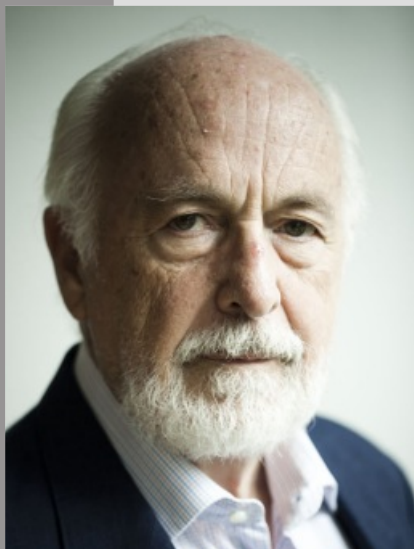
Proveniente de uma tradição de pensamento que tinha uma visão benigna de políticas protecionistas associadas ao processo de substituição de importações, Castro reco-

nhece, nos anos 1990, que a abertura da economia não havia destruído a indústria brasileira, como muitos desenvolvimentistas supunham. Mais uma verdade inconveniente. A produtividade havia crescido e a indústria teria saído fortalecida do embate com a competição externa. Reaparece aqui a visão otimista quanto ao dinamismo do capitalismo brasileiro, que é reforçada a partir de 2003/4, quando, superadas as principais restrições macroeconômicas que impediam o país de realizar seu potencial, a economia ingressa num ciclo longo de expansão.

Nos últimos dez anos, o fenômeno da emergência econômica da China tornou-se quase uma obsessão. A mudança em curso do centro de gravidade da economia mundial para a Ásia e a ascensão social de centenas de milhões de consumidores e seus efeitos sobre todas as economias do planeta constituíam um fenômeno fascinante e um desafio irresistível para uma mente como a de Castro. Não à toa, foi um dos primeiros a chamar a atenção para as implicações de tais transformações para economias avançadas e em desenvolvimento.

A integração do Brasil à locomotiva chinesa traria à tona, na sua visão, as enormes potencialidades associadas às cadeias de produção do petróleo, do *agribusiness*, em particular, do etanol. É evidente que os riscos de uma regressão a um tipo de modelo primário-exportador era um preocupante desafio para o qual não existiam respostas fáceis. Este foi um dos temas da última conversa (inacabada) que tive com ele, e para a qual não podemos mais contar com sua mente aguçada, apenas com as lições que deixou.

## A aventura do pensamento



Marcelo Corrêa

Luiz Carlos  
Bresser-Pereira  
Professor emérito da  
Fundação Getúlio  
Vargas (FGV)

Geralmente opomos os economistas que pensam o sistema econômico em termos de mercado que buscam entendê-los, em termos das políticas econômicas e de planos. Esta é uma dicotomia equivocada, porque não há teoria econômica digna desse nome que deixe de ter o mercado como referência central, mas pobre da teoria que supõe que os mercados são autor regulados, não necessitando estar permanentemente sendo corrigidos pelas políticas. Antonio Barros de Castro sabia bem disso, mas ao invés de resolver o problema através de um meio-termo pouco criativo, encontrou um terceiro caminho inovador: o caminho da estratégia. Com sua enorme capacidade analítica, olhava a economia de um ponto de vista estratégico, porque os seus atores prediletos – os formuladores de políticas econômicas – pensam e agem estrategicamente.

Conheci Castro no início dos anos 1960, e como tínhamos uma paixão comum – o desenvolvimento brasileiro – e havíamos aprendido nossa economia com os grandes economistas estruturalistas do desenvolvimento, entre os quais estava Celso Furtado, nos tornamos amigos. Mas logo tratei de associar o estruturalismo do lado da oferta de Marx, Ragnar Nurkse e Raúl Prebisch com a teoria econômica do lado da demanda de Keynes e Kalecki, enquanto Castro conservou seu interesse maior pela organização da produção, pelo progresso tecnológico, e pela controvérsia sobre a natureza e mensurabilidade do capital (*O Capitalismo Não É Mais Aquele*, 1979).

O que era fascinante em Castro era ver como ele pensava. Costumo dizer que o pensamento é a coisa que os homens mais economizam no mundo. Por isso recorrem tanto a fórmulas

## Antonio Barros de Castro: um obituário



Noel Joaquim Faia

Luiz Carlos  
Delorme Prado  
Professor do Instituto de  
Economia da UFRJ e  
diretor-presidente do  
Centro Internacional  
Celso Furtado  
de Políticas para o  
Desenvolvimento

Por quase cinco décadas, Antonio Barros de Castro participou ativamente da vida intelectual brasileira com uma extensa obra acadêmica, na qual se destacam interpretações originais, muitas vezes polêmicas, sobre questões marcantes da história econômica do país. Muito jovem, ganhou notoriedade com a publicação, com seu ex-colega do curso de economia da UFRJ, Carlos Lessa, de um grande sucesso editorial: o livro-texto *Introdução à Economia, Uma abordagem Estruturalista*. Desde então, participou de debates importantes, que se refletiam nos livros que publicou.

Desde essa época Castro fez regularmente contribuições acadêmicas importantes. Ao fim da década de 1960, o livro *7 Ensaios sobre a Economia Brasileira* (Forense, RJ, 1969) apresentou, no segundo ensaio, uma interpretação ousada quanto ao papel da agricultura no desenvolvimento econômico brasileiro. Para ele, a visão sustentada por muitos historiadores e economistas de sua época, de que a agricultura brasileira era um freio ao desenvolvimento do Brasil, estava equivocada. Ao contrário, sustentou Castro, ela cumpriu o papel de garantir a oferta de alimentos e mão de obra para os centros urbanos em expansão. Se não contribuiu como mercado para os produtos industriais, foi uma fonte de transferência de capitais para o investimento no setor urbano. No entanto, segundo esse autor, a estrutura rural teve um efeito perverso na estrutura urbana: ao colocar nas cidades seus excedentes de população despossuídos e sem instrução, reproduziu a desigualdade que havia no campo.



Antonio Barros de Castro

prontas, a clichês, a rotinas e a modelos matemáticos *prêtes à porter*. Castro não economizava pensamento. Ele não tinha medo dos custos e riscos daqueles que se aventuram a pensar. Ao invés disso, ele se dedicava ao pensamento, com carinho, com cuidado, sem pressa. Ele partia de algum problema que lhe chamava a atenção, e então se punha a pensar – a fazer deduções e submeter tudo à crítica. Seu objetivo era compreender as estratégias envolvidas: as estratégias dos agentes econômicos, as dos formuladores de política econômica e a sua.

Nos 7 *Ensaio sobre a Economia Brasileira* (1969), que o lançou como economista de primeira grandeza, este método já está presente. Mas neles faltaram o sétimo ensaio, que me coube referir, depois de ter assistido a uma conferência sua na PUC-SP. Em meu *Dividir ou Multiplicar? A Distribuição da Renda e a Recuperação da Economia Brasileira* (1970), mostrei que a partir de uma pesquisa que havia sido realizada no ano anterior, nas principais capitais dos estados brasileiros, como a concentração da renda da classe média para cima estava, então, criando mercado para os bens de luxo produzidos pelas empresas multinacionais no Brasil, em particular pela indústria automobilística, e, dessa forma, compatibilizando perversamente o aumento da desigualdade com o “milagre” econômico que estava então em curso, caracterizado por taxas de crescimento superiores a 10%.

O pensamento voltou a se manifestar quando escreveu com Francisco Eduardo Pires de Souza seu instigante *A Economia Brasileira em Marcha Forçada* (1985), publicado em um momento de grande euforia nacional, como o da transição democrática. A previsão contida no título do livro não se materializou porque seus

Na década de 1970, Castro participou do debate com seus então colegas da Unicamp, Maria da Conceição Tavares e Luiz Gonzaga Beluzzo sobre a relevância de Kalecki para a compreensão da dinâmica do capitalismo e, em última instância, para o estudo da economia brasileira. Essa discussão foi chamada de “Controvérsia sobre a Demanda Efetiva” e deu origem, entre outras publicações, ao livro *O Capitalismo Ainda É Aquele* (Forense Universitária, 1979).

Na década de 1980, sua principal contribuição foi a publicação do livro *A Economia Brasileira em Marcha Forçada* (Paz e Terra, 1985), onde em coautoria com Francisco Eduardo Pires, apresentou sua interpretação da importância do II PND para a economia brasileira e sobre a crise do desenvolvimento brasileiro ao fim da década. Castro sustentou a tese de que o II PND permitiu a continuidade do *catch up* brasileiro, que teria sido interrompido prematuramente no caso de uma política de estabilização apressada. Para ele, os problemas econômicos brasileiros da década de 1980, que levaram ao fim de uma estratégia de convergência econômica bem-sucedida, não foram provocados pela política seguida na década anterior, mas por erros de política econômica realizados posteriormente.

Na década de 1990, Castro avaliou o impacto da liberalização comercial nas empresas industriais operando no Brasil. Ele estudou as formas e as razões que levaram a que a maioria das empresas respondessem às pressões competitivas a que foram submetidas com aumento de produtividade e refor-

autores subestimaram o desequilíbrio macroeconômico em que estava então mergulhada a economia brasileira. Sua capacidade de pensar esteve sempre presente em seus trabalhos sobre política industrial, e nas políticas que ajudou a formular como presidente ou como assessor do BNDES. Para ele a política industrial devia ser *taylor made*, devia variar de acordo com o momento, o setor e a empresa.

E seu pensamento voltou a brilhar pela última vez depois que visitou a China e ficou tão fascinado e estupefato com o que viu. Em uma viravolta em relação às políticas que sempre adotara, supõe então possível para o Brasil se integrar no desenvolvimento desse país pelo lado da exportação de *commodities*, ao invés de tentar competir com a China na indústria. Enquanto, nos disse ele em uma entrevista à *Folha de S. Paulo* (2010), antes da China o problema dos países em desenvolvimento era se industrializar, agora, “com a ascensão do leste asiático, capitaneada pela China, isso virou de pernas para o ar; países mais atrasados compram manufaturados baratos e exportam matérias-primas cada vez mais caras”. Sua conclusão era tão arriscada quanto merecedora de atenção; pela última vez esse notável intelectual que foi Antonio Barros de Castro pensava o novo e pensava o Brasil com coragem e amor por seu país.

mas nas formas de gestão empresarial. Em artigo publicado na Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), chamou esse processo de *O Segundo Catch Up Brasileiro* (*Revista da Cepal*, nº 80, de agosto de 2003).

Nos últimos anos, Castro dedicou-se a estudar a economia chinesa e seu impacto na ordem econômica internacional. Como em outros momentos históricos, esse autor apresentou uma tese inovadora e ousada: a China tinha mudado o patamar do preço de produtos industriais – esse país era capaz de produzir produtos industriais a preços baixos, contribuindo para que uma grande massa de pessoas (na China e em outros países) com rendas relativamente baixas tivessem acesso a esses produtos. Castro afirmou que, em vista da nova realidade chinesa, é necessário redefinir a estratégia da nossa industrialização – se por um lado o Brasil não pode abrir mão de sua indústria, ele terá que reorganizá-la considerando as oportunidades abertas para o país em vista do impacto do *catch up* chinês e da reorganização da estrutura produtiva mundial (ver *From Semi-Stagnation to Growth in a Sino-Centric Market*, REP, janeiro-março de 2008).

Essa resenha sumária da obra de Castro mostra como esse autor, desde a década de 1960, contribuiu para o debate sobre o desenvolvimento brasileiro. Sua ousadia intelectual e sua criatividade farão falta ao país, aos seus muitos leitores e aos seus amigos. Ficamos, no entanto, com seu legado – uma obra extensa, instigante e um exemplo de intelectual e professor independente.

## Contribuições equivocadamente ignoradas



Noel Joaquim Faia

Cézar Manoel de Medeiros  
*Doutor em Economia pelo Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE-UFRJ)*

Antonio Barros de Castro é um raro exemplo de integridade em seu mais amplo sentido: moral, familiar, intelectual (Prêmio Jabuti) e profissional. Professor emérito da UFRJ, Castro é reconhecido internacionalmente como um dos mais criativos e instigantes entre os brilhantes economistas brasileiros. O legado de suas contribuições para promover o desenvolvimento brasileiro merecerá a organização de ciclos de debates e a edição de livros sobre os temas por ele abordados. Cabe destacar também a sua atuação como presidente (1992/93) e diretor de Planejamento do BNDES (no governo Lula) e como consultor/orientador de estratégias governamentais, setoriais e empresariais em sintonia com rigorosa concepção teórica.

Castro sempre foi capaz de demonstrar que, quanto maior o rigor teórico na montagem de estratégias governamentais, setoriais e empresariais, maiores as probabilidades de sucesso operacional de suas proposições, desmentindo o senso comum que coloca dúvidas entre a teoria e a prática.

Tive a honra de contar com a efetiva colaboração dele em três ricas experiências de minha carreira profissional e acadêmica. Como vice-presidente Financeiro da Acesita, contei, em 1986 e 1987, com o envolvimento de Castro em projeções de cenários para o Brasil e para a economia internacional e na modelagem de privatização da empresa visando à implementação de um programa estratégico de investimentos para a década de 1990. A Acesita já exportava para mais de 30 países e reunia condições para participar do processo de globalização em curso como uma multinacional verde-amarela. O Banco do Brasil (BB), acionista majoritário da empresa, aprovou junto à Comissão de Desestatização do governo federal, um inovador modelo de privatização capaz de canalizar recursos suficientes para viabilizar os investimentos necessários em expansão, diversificação e modernização contemplados no referido plano estratégico. O BB chamaria aumento de capital e renunciaria, através de leilão, a seus direitos de subscrição, o que garantiria a captação de recursos junto a investidores institucionais e a empresas do ramo com capacidade de gestão. Infelizmente, o processo de privatização, redefinido em 1991 pelo governo Collor, seguiu o modelo do BNDES via leilão de participações do acionista controlador, o que causou significativos prejuízos financeiros e patrimoniais ao BB e, o que é mais grave, interrompeu a execução do plano estratégico da empresa, resultando na perda de oportunidade para o Brasil estruturar um dos principais *players* mundiais de aços especiais.

Em 1988, o presidente do BB, Mário J. G. Berard, convocou-me para coordenar a elaboração de um novo planejamento estratégico do banco para a década de 1990. Identificamos que um novo plano estratégico para o BB deveria contemplar mecanismos para sua maior participação como ativo instrumento no processo de desenvolvimento nacional. Convidamos Castro para definir as diretrizes do novo modelo de desenvolvimento e para orientar a elaboração do novo Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) para o Brasil. Ele propôs o modelo “Consumo de Massas e Retomada do Crescimento”, como fio condutor para orientar o novo PND e para as ações estratégicas do BB. Somente a partir de 2004, já no governo Lula, o modelo começou a ser implantado.

Castro chamou a atenção para a necessidade de simultâneo e adequado tratamento de quatro restrições para a retomada

do crescimento: eliminação da hiperinflação e estabilização de preços; renegociação da dívida externa e suspensão da moratória; maior controle fiscal para minimizar os desequilíbrios estruturais do setor público; avanços do processo de democracia em curso e recuperação do sistema de planejamento de longo prazo no Brasil.

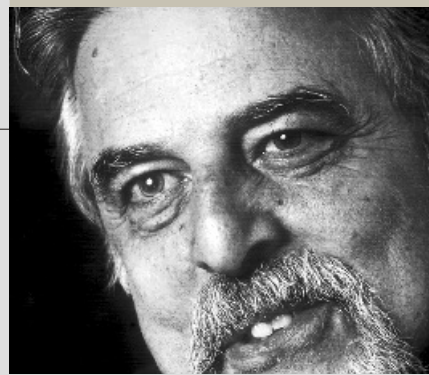
Superadas as restrições apontadas, o país poderia experimentar um novo ciclo de desenvolvimento: a queda da inflação geraria aumento do poder aquisitivo e dos níveis de consumo, que estimulariam investimentos em expansão e em modernização de complexa e diversificada estrutura produtiva já implantada no país. A redução da capacidade ociosa, o aumento da produção e os novos investimentos gerariam elevação da produtividade, dos níveis de emprego e de renda, os quais resultariam em maior consumo e em incrementos da poupança, caracterizando, assim, virtuoso ciclo de desenvolvimento.

Dionísio Carneiro (PUC-Rio) propôs a implantação do sistema de metas para inflação, entre outras medidas para conter o crescente e rápido processo de elevação de preços no Brasil; Carlos A. Longo (Fipe-USP) sugeriu ampla separação de funções entre instituições públicas, além de rigoroso processo de responsabilidade fiscal; Francisco E. P. Souza (UFRJ), com base na análise de hiatos, mostrou que o Brasil reunia condições suficientes para renegociar a dívida externa e suspender a moratória; Luiz A. G. de Andrade e Antônio A. Prates (DCP-UFGM), Valder de Goés (UnB) e Jaime Blay (FJP) analisaram o horizonte político em processo de eleições presidenciais (1989) e identificaram ações governamentais necessárias para o Brasil recuperar o sistema de planejamento de longo prazo em um ambiente de avanço democrático desde a constituição de 1988. Mas chamaram a atenção que uma possível eleição de Collor seria uma grande ameaça para a retomada do debate sobre as questões estruturais do Brasil e até mesmo para a consolidação da democracia no país.

Mesmo diante das referidas ameaças, demos andamento ao desenvolvimento dos temas estratégicos para o país e para o BB, com a orientação de Castro, supervisão de Mário Berard (presidente do BB) e coordenação de Paulo Haddad (ex-ministro e professor da UFGM), Paulo César Palhares (chefe de Gabinete da Presidência do BB) e Eduardo Fernandez (UFGM), além de mim. Tendo o modelo de consumo de massas como bússola, cada tema contemplou capítulo especial visando inserir a atuação operacional do BB de modo a torná-lo importante instrumento de governo.

Foram desenvolvidos vários *papers*, que contribuíram com subsídios para propostas com vistas à retomada do desenvolvimento brasileiro: crescimento com redução de desigualdades regionais e sociais; implementação de estratégias de investimentos em infraestrutura visando retomar o crescimento; implementação de uma ousada política industrial, tecnológica e de comércio exterior; modernização e expansão da agricultura, da pecuária e da agroindústria; estruturação do sistema de previdência complementar visando a formação e a expansão da poupança familiar; estruturação do BB como Banco Universal Contemporâneo, temas abordados por Paulo Haddad, Ricardo Bielschowsky, Fábio Erber, José C. Miranda, Ana Célia Castro, José A. Bicalho, Rios Neto e César Medeiros.

Com o objetivo de extrair subsídios para avaliar as proposi-



Antonio  
Barros  
de Castro

ções, o BB promoveu, sob a orientação de Castro, palestras de renomados economistas que focalizaram temas estratégicos no processo de globalização, além de um importante seminário para debater o novo modelo e respectivos temas abordados, com os candidatos à Presidência da República para as eleições de 1990. Collor foi o único ausente. Durante o segundo turno, a equipe do BB recebeu a coordenação do candidato Lula, período em que foram aprofundadas estratégias operacionais para viabilizar as proposições. Mais uma vez o candidato Collor não manifestou o menor interesse em participar.

Finalmente, foram realizadas amplas discussões entre os autores e os funcionários do BB encarregados da operacionalização das propostas temáticas. Entre os resultados deste debate devem ser enfatizados: a criação do Banco do Brasil-Banco de Investimentos (BB-BI), da BrasilPrev e as propostas básicas para a criação da BB-Seguridade, da BB-Seguros, bem como pré-requisitos para fortalecer a BB-DTVM, a BB-Financeira e o BB-Leasing. Entre os resultados: o BB-BI, em oito meses de funcionamento, adquiriu participações acionárias da Vale, da Embraer, da Petrobras, das Tele lucrativas, entre outras, concretizou negociações para a criação de fundos setoriais com a Abimaq (Criação do Ouromarq), com a Confederação Nacional da Agricultura (Ouro rural), Abiquim etc.

Porém, Alberto Policaro, presidente do BB, a partir de março de 1990, sem dar conhecimento à ministra Zélia e ao presidente Collor, jogou no lixo o plano estratégico e desativou todo o aparato institucional já em funcionamento, o que, além de ter beneficiado os conglomerados financeiros concorrentes, quebrou o BB, cuja recuperação exigiu aumento de capital de US\$ 8,5 bilhões pelo Tesouro Nacional, já no governo FHC.

A partir de 1994, temos observado que os governos Itamar, FHC, Lula e Dilma vêm abordando, com o mesmo teor, sugestões contidas nas propostas do BB, entre as quais cabe registrar: metas de inflação, suspensão da moratória, lei de responsabilidade fiscal, programas de inclusão social, plano plurianual de investimentos, programa de aceleração do crescimento, estímulos para crescimento da previdência complementar.

Voltei a contar com as contribuições de Castro, desta feita como aluno do IE-UFRJ. Ele foi o orientador de minha tese de doutoramento. Suas preciosas e ecléticas indicações bibliográficas (Keynes, Schumpeter, Steindl, Hilferding, Labini, Eicher, Minsky, Shaw, Mckinnon, Maxwell Fry, Zysman, entre outros) e o rigor na análise de cada capítulo, em algumas ocasiões no fatídico recinto que privou o Brasil de continuar usufruindo de suas pioneiras contribuições, viabilizaram a aprovação de minha tese: *O Banco Universal Contemporâneo – Uma Estratégia para Financiar Investimentos no Brasil*, em que procuro demonstrar que o processo de configuração estrutural em grandes conglomerados financeiros reuniria condições necessárias e suficientes para o financiamento de longo prazo e para a expansão e diversificação do mercado de capitais.